



# CURSO DE **DESENVOLVIMENTO** PROFISSIONAL **DE PROFESSORES**

ALFABETIZAÇÃO BASEADA EM EVIDÊNCIAS

**TRILHA 2:** HABILIDADES E CONHECIMENTOS  
FUNDAMENTAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO



**Vamos todos aprender a ler**

Uma iniciativa do Banco Interamericano de  
Desenvolvimento para o ensino da alfabetização inicial



E-book  
Apresentação

E-book 1  
Trilha 1

E-book 2  
Trilha 2

E-book 3  
Trilha 3

E-book 4  
Trilha 4

E-book 5  
Trilha 5

E-book 6  
Trilha 6

E-book 7  
Trilha 7

E-book 8  
Trilha 8



### Vamos Todos Aprender a Ler

Uma iniciativa do Banco Interamericano do Desenvolvimento – BID para o ensino inicial de leitura e escrita

#### Alfabetização Baseada em Evidências: Curso de Desenvolvimento Profissional de Professores

Direção: Ximena Dueñas Herrera

Coordenação: Mariana Teixeira Terra

Planejamento e Supervisão: Renan de Almeida Sargiani

Autora: Taís Ciboto

Revisão técnica: Ana Luiza Navas e Renan de Almeida Sargiani

Assistente de pesquisa: Bruna Gomes de Oliveira

Revisão editorial: Cristina Porini

Capa e Diagramação: Hamilton Ferpa

Projeto e editoração: Edube – Instituto de Educação Baseada em Evidências

Ilustrações gerais: Hamilton Ferpa e Shutterstock

Copyright © 2022. Banco Interamericano de Desenvolvimento. Esta obra está licenciada sob uma licença Creative Commons IGO 3.0 Atribuição-NãoComercial-SemDerivações (CC BY-NC-ND 3.0 IGO) (<http://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/3.0/igo/legalcode>) e pode ser reproduzida com atribuição ao BID e para qualquer finalidade não comercial. Nenhum trabalho derivado é permitido.

Qualquer controvérsia relativa à utilização de obras do BID que não possa ser resolvida amigavelmente será submetida à arbitragem em conformidade com as regras da UNCITRAL. O uso do nome do BID para qualquer outra finalidade que não a atribuição, bem como a utilização do logotipo do BID serão objetos de um contrato por escrito de licença separado entre o BID e o usuário e não está autorizado como parte desta licença CC-IGO.

Note-se que o link fornecido acima inclui termos e condições adicionais da licença.

As opiniões expressas nesta publicação são de responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente a posição do Banco Interamericano de Desenvolvimento, de seu Conselho de Administração, ou dos países que eles representam.



UNIDADE 1: CONHECER

CURSO DE **DESENVOLVIMENTO**

PROFISSIONAL **DE PROFESSORES**

ALFABETIZAÇÃO BASEADA EM EVIDÊNCIAS

**TRILHA 2:** HABILIDADES E CONHECIMENTOS  
FUNDAMENTAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO



**Vamos todos aprender a ler**

Uma iniciativa do Banco Interamericano de  
Desenvolvimento para o ensino da alfabetização inicial





# SUMÁRIO

Apresentação	06
1. O que é Alfabetização baseada em evidências?	07
2. Quais são os componentes essenciais para a Alfabetização?	10
3. Como é o desenvolvimento esperado da leitura e da escrita?	16
4. Como saber quando um aluno está alfabetizado?	21
5. Quais são os principais modelos de Alfabetização existentes?	23
Síntese	26
Glossário	27
Referências	28

# Apresentação

Olá, Professora! Olá, Professor!

Seja bem-vinda(o) à **Trilha 2**! É um prazer ter você conosco novamente, para continuarmos nosso percurso sobre a aprendizagem da leitura e da escrita e suas formas de ensino. Nessa trilha, nosso assunto principal será a Alfabetização. Você já ouviu falar sobre a Alfabetização baseada em evidências? Vamos discutir sobre esse assunto a partir de agora, para que você entenda melhor como usar as mais recentes descobertas científicas desta área em sua sala de aula. Também conheceremos a fundo os componentes essenciais para a Alfabetização, aprofundando o que já começamos a estudar na **Trilha 1**. Outro tópico a ser tratado aqui será o desenvolvimento esperado da leitura e da escrita, a partir das descobertas da Ciência da Leitura, que você conheceu na trilha anterior. Dessa forma, esperamos subsidiar você para entender quais habilidades um aluno precisa alcançar para que seja considerado alfabetizado. Por fim, abordaremos os principais modelos de Alfabetização existentes, evidenciando as características mais marcantes de cada um.



Estamos prestes a iniciar uma nova viagem por esse universo incrível da aprendizagem da leitura e da escrita, dessa vez na perspectiva da Alfabetização. Vamos juntos?

## 1

O QUE É ALFABETIZAÇÃO  
BASEADA EM EVIDÊNCIAS?

Agora que já estudamos sobre os diferentes processos que o cérebro do estudante precisa realizar para aprender a ler e escrever, vamos conhecer com mais detalhes as descobertas das pesquisas na área da Ciência Cognitiva da Leitura sobre o processo de ensino dessas habilidades, que chamamos de **Alfabetização**.

Existem diferentes formas de alfabetizar, mas qual delas é a mais efetiva? Os mais recentes estudos sobre o assunto indicam que é importante que o professor alfabetizador se ampare em evidências sobre os procedimentos e recursos disponíveis mais eficazes, viáveis e sensíveis para auxiliar alunos com diferentes perfis de aprendizagem a adquirir as competências de leitura e escrita. O termo “**evi-dências**” utilizado aqui se refere aos achados obtidos em pesquisas científicas desenvolvidas sobre o tema. Portanto, uma Alfabetização baseada em evidências é aquela que aplica procedimentos e recursos que foram testados cientificamente no ensino da leitura e da escrita e se mostraram eficazes (CHRISTOPHE et al, 2015).

Para ilustrar esse conceito, vamos pensar em uma situação prática: estamos em uma escola, observando duas professoras, que estão atuando com a Alfabetização de suas respectivas turmas do 1º. ano do Ensino Fundamental, que têm crianças da mesma faixa etária, moradoras de um mesmo bairro e de famílias da mesma classe socioeconômica. Uma das professoras é muito experiente e, no final do ano letivo, conseguiu que todos os seus alunos estivessem alfabetizados. Já a outra professora conseguiu alfabetizar metade da turma até o final do ano. O que isso indica? Quais são as evidências que podemos constatar? É válido destacar que a maior ou menor experiência das professoras pode ter influenciado no desempenho dos alunos durante o processo de Alfabetização mas, além disso, o que mais precisa ser considerado? Quais habilidades e conhecimentos cada aluno tinha no início do ano letivo?

## Saiba mais

Os resultados de diversas pesquisas sobre Alfabetização, realizadas com o objetivo de melhorar a qualidade das políticas públicas e as práticas básicas de ensino de leitura, escrita e matemática no Brasil, foram reunidos no Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (Renabe). Você pode ter acesso a ele na íntegra gratuitamente pelo link:

[Relatório Nacional de Alfabetização baseada em evidências \(RENABE\)](#)



As explicações e os materiais didáticos que ambas usaram foram iguais? Assim, podemos concluir que existem muitas variáveis que precisam ser consideradas e podem explicar essas diferenças em relação aos resultados obtidos pelas duas professoras. Somente por meio de análises mais refinadas e controladas será possível descobrir quais fatores foram realmente determinantes para que as professoras alcançassem os resultados observados em suas turmas. Dessa forma, para que nossa prática no ensino da leitura e da escrita esteja embasada em evidências científicas, precisamos desenvolver pesquisas pautadas em critérios de metodologia científica, que resultarão em dados precisos, válidos e confiáveis (CHRISTOPHE et al., 2015).

Na literatura internacional, a investigação sobre as melhores práticas (*best practices*) em Educação tem merecido cada vez mais atenção. Nos Estados Unidos, por exemplo, as evidências científicas têm embasado as decisões governamentais, como na implementação do programa “*No Child Left Behind*” (UNITED STATES OF AMERICA, 2002). Na descrição dessa lei, há a obrigatoriedade de se tomar decisões de investimento somente nas atividades educacionais que apresentem resultados baseados em evidência científica. No Brasil, porém, o tema ainda não recebe o mesmo destaque. Atualmente, entende-se que uma Educação baseada em evidências é aquela que considera e usa os conhecimentos originados nas pesquisas científicas para fundamentar as boas práticas em sala de aula (ORSATI et al., 2015).

O movimento pela prática baseada em evidências teve início no campo da Medicina na década de 1980 e, em seguida, influenciou outras áreas, como a Educação, demonstrando que a prática dos professores poderia ser melhorada se eles conhecessem mais os resultados das pesquisas sobre o assunto. Da mesma forma, verificou-se que as pesquisas em Educação deveriam se preocupar mais com a sua utilidade prática em sala de aula e com o seu impacto para as políticas públicas (ORSATI et al., 2015).

É importante esclarecer que basear a Alfabetização em evidências de pesquisas não significa impor um método. A proposta dentro dessa perspectiva é que programas, orientações curriculares e práticas de Alfabetização sempre considerem e priorizem os achados mais significativos das pesquisas científicas (BRASIL, 2019).



Assim, convidamos você a participar do movimento da Educação baseada em evidências. Você pode fazer isso de duas formas. A primeira é utilizando pesquisas relevantes para dar suporte à sua prática em sala de aula. A segunda é participando efetivamente no desenvolvimento de pesquisas, que contribuirão para novas descobertas na área.

### ▶▶ Saiba mais

Para conhecer mais e se engajar nesse movimento, recomendamos a leitura do livro “Práticas para a sala de aula baseadas em evidências”, disponível gratuitamente no link:

🔗 **Práticas para a sala de aula baseadas em evidências**



# 2

## QUAIS SÃO OS COMPONENTES ESSENCIAIS PARA A ALFABETIZAÇÃO?

Antes de mais nada, é importante que esteja claro para você o conceito de Alfabetização. Dentro da perspectiva da Ciência Cognitiva da Leitura, alfabetizar significa ensinar a decodificar e codificar em um sistema alfabético de escrita. Decodificar refere-se à capacidade de extrair sons das letras para “traduzir” as palavras escritas. Por sua vez, codificar é o processo inverso, ou seja, grafar letras para cada som identificado na pronúncia de uma palavra.

De acordo com a BNCC (BRASIL, 2018), o ensino das habilidades básicas de leitura e de escrita deve acontecer nos dois primeiros anos do Ensino Fundamental. Já a PNA (BRASIL, 2019) orienta que essa aprendizagem se desenvolva no primeiro ano do Ensino Fundamental e se consolide no segundo ano. Este conteúdo será detalhado na **Trilha 3**.

Como estudamos na **Trilha 1**, para aprender a ler e escrever em um sistema alfabético de escrita, é fundamental que a criança compreenda que as letras representam as menores unidades sonoras da fala, os fonemas. Esse conhecimento, chamado de princípio alfabético, é a chave para a aprendizagem da leitura e da escrita em idiomas como o Português, que se baseia em um sistema alfabético.

Sabe-se que a apropriação do código alfabético é essencial para ler e escrever. Entretanto, há muita discussão ainda sobre como isso deve ser feito. As pesquisas mais recentes têm apontado que há alguns componentes considerados essenciais para a Alfabetização, que devem ser trabalhados independentemente da metodologia de ensino utilizada. Eles estão descritos na PNA como seis componentes curriculares e também se encontram como recomendações na BNCC para o ensino de língua portuguesa no 1º ano do Ensino Fundamental, e no eixo de “Fala, Escuta, Pensamento e Imaginação” da BNCC da Educação Infantil. São eles: a **consciência fonêmica**, a **instrução fônica sistemática**, a **fluência em leitura oral**, o **desenvolvimento de vocabulário**, a **compreensão de textos**, e a **produção de escrita**.



Vamos conhecer e entender melhor cada um deles?

Você se lembra do conceito de consciência fonológica que estudamos no tópico 4 da Trilha 1?

A **consciência fonológica** ajuda as crianças a entender que as palavras são formadas por unidades sonoras de diferentes tamanhos como sílabas, rimas e fonemas. Como dissemos acima, nosso sistema de escrita é alfabético. Assim, para aprendê-lo, é necessário direcionarmos a atenção da criança, de forma consciente e reflexiva, para as menores unidades fonológicas da fala (os fonemas), para que seja possível depois, relacioná-las a suas representações gráficas (os grafemas). Dessa forma, é fundamental que leitores em desenvolvimento aprendam a separar e categorizar os sons de uma palavra, para que consigam entender como elas são escritas. Esse tipo de conhecimento explícito e reflexivo é denominado de **consciência fonêmica** (ADAMS et al., 2006). As pesquisas têm mostrado que, comparando-se crianças com o mesmo tempo de ensino da leitura, leem melhor aquelas que tiveram a sua consciência fonêmica estimulada (MORAIS, 2013). Para desenvolver a consciência fonêmica, é necessário um ensino intencional e sistematizado, que pode ser acompanhado de atividades lúdicas, com o apoio de objetos, figuras e músicas (BRASIL, 2019).

Há pouco mais de 30 anos, acreditava-se que bastaria colocar a criança em contato com palavras e textos escritos, que isso seria suficiente para que ela se tornasse, aos poucos, consciente dos fonemas ali presentes. Entretanto, os estudos atuais mostram que essa concepção não é verdadeira. A exposição ao material escrito, embora importante, não é suficiente para que a criança entenda o princípio alfabético. Para tanto, é necessário ajudar a criança a analisar as expressões da fala no nível dos fonemas, em sistemas de escrita alfabéticos (MORAIS, 2013). É a consciência fonêmica que possibilitará às crianças entender como os sons da língua funcionam e essa é uma compreensão fundamental para a aquisição da leitura e da escrita (ADAMS et al., 2006).

### ▶▶ Saiba mais

Para entender melhor quais são os fonemas da Língua Portuguesa, recomendamos o seguinte vídeo produzido pelo Instituto Alfa e Beto

📺 **Os 31 fonemas da Língua Portuguesa**



Para que a criança aprenda, de maneira mais fácil e direta, as relações entre as letras (grafemas) e as menores unidades da fala (fonemas), o melhor caminho é a **instrução fônica sistemática**. A palavra “fônica” refere-se ao conhecimento simplificado de Fonologia e Fonética usado para ensinar a ler e a escrever. A instrução fônica sistemática não é um método de ensino, e sim uma estratégia que facilita o ensino explícito do princípio alfabético (BRASIL, 2019). Os estudos têm mostrado que as crianças avançam mais rapidamente na aquisição da leitura e da escrita quando é explicado a elas que as atividades que relacionam letras e sons não são simples brincadeiras, mas são passos importantes na conquista dessa aprendizagem (MORAIS, 2013).

Conforme o princípio alfabético vai sendo internalizado pela criança, ela vai sendo capaz de decodificar, ou seja, de reconhecer a palavra escrita. No começo, essa decodificação é lenta, mas, aos poucos e a partir da experiência, a **fluência em leitura oral** vai sendo aprimorada. Fluência de leitura é a capacidade de reconhecer as palavras escritas de forma rápida, precisa e com expressividade adequada, a fim de se alcançar a compreensão do que foi lido (PINTO; NAVAS, 2011). Portanto, a fluência de leitura envolve a velocidade de reconhecimento das palavras, a precisão nesse reconhecimento e a expressividade necessária para dar sentido ao texto (SANTOS; NAVAS, 2016; ALVES; CELESTE, 2019). Quando a leitura é lenta e trabalhosa, o leitor está gastando seus esforços para quebrar o código (decodificação) e não estará executando três eventos cognitivos básicos para a compreensão: lembrar-se das informações lidas; recuperar informações com precisão; e conectar novas informações com seu conhecimento prévio. Quando a fluência melhora e o estudante é capaz de ler as palavras corretamente, com boa velocidade e respeitando a pontuação, sua compreensão textual avança consideravelmente. Para alcançar a fluência, a leitura diária de vários tipos de textos é fundamental.

Por outro lado, as pesquisas também indicam que o **desenvolvimento do vocabulário** é imprescindível para a aquisição da leitura e da escrita. Como vimos na **Trilha 1**, a base da linguagem escrita é a linguagem oral. Assim, para ler e escrever bem, é preciso conhecer os significados das palavras, ou seja, utilizar o vocabulário. Um vocabulário reduzido pode ser um obstáculo para a compreensão de textos. Por isso, é muito importante que, desde a primeira infância, a criança seja exposta a um vocabulário diversificado, que não se restrinja apenas às palavras usadas em seu dia a dia (BRASIL, 2019).

Sendo assim, vimos que tanto a fluência de leitura, quanto um bom vocabulário são condições necessárias para que um estudante atinja a **compreensão de textos**. Entender o que se lê é o grande objetivo da leitura. Quando os alunos decodificam na velocidade, ritmo e entonação adequados, o processo de construção de significado do que foi lido pode alcançar dois níveis: o primeiro deles é a compreensão literal, quando se recupera a informação exata do texto; o segundo é a compreensão reflexiva sobre o que foi lido, que permite ao leitor questionar a intenção do autor. As pesquisas mostram que é necessário dedicar tempo em atividades em torno do texto, para iniciar o longo caminho de desenvolvimento dessas estratégias de compreensão. O professor deve explorar o que o aluno entende e como ele entende, por meio de perguntas em um nível literal (quem, onde, como, quando) e expandir essa ação, convidando a criança a deduzir, a conectar a informação com o que ela já aprendeu, a usar as ilustrações, dar possíveis significados a novas palavras por meio do uso do contexto, prever acontecimentos no texto, sustentar suas opiniões com informações ali presentes, e expressar seus pontos de vista em relação ao que é lido. Além do domínio dessas estratégias, também é importante que o aluno, à medida em que avança na vida escolar, continue desenvolvendo seu vocabulário, a fim de que possa compreender textos cada vez mais complexos (BRASIL, 2019). Vale destacar também que a leitura é um poderoso instrumento de enriquecimento do vocabulário (MORAIS; LEITE; KOLINSKY, 2013).

O modelo de cordas de Hollis Scarborough (2001) ilustra o processo envolvido na compreensão de textos. Para se chegar à compreensão, é necessário adquirir várias habilidades. Algumas delas não necessitam de instrução explícita e sistemática, como conhecimento de mundo, conhecimento morfo-sintático, raciocínio verbal e familiaridade com livros e outros materiais impressos. Outras exigem ensino explícito, como a consciência fonêmica e a decodificação de palavras. Essas habilidades vão se unindo gradualmente como fios numa corda, e assim a leitura se torna cada vez mais proficiente. Com a automatização das habilidades de reconhecimento de palavras, é liberado espaço na memória para os processos de compreensão.



**Figura 1** - Modelo de cordas de Hollis Scarborough (2001)

Fonte: PNA (BRASIL, 2018, p.29)

O sexto componente essencial para a Alfabetização é a **produção de escrita**. Esse termo se refere à habilidade de escrita desde o nível da letra, passando pela palavra e pela frase, até chegar ao texto, quando é possível ao estudante usar a escrita como uma forma de expressão de suas ideias e sentimentos. Leitura e escrita são como dois lados de uma mesma moeda, mas, embora compartilhem muitos aspectos, é sempre importante lembrar que a escrita envolve também as habilidades visomotoras e requer conhecimento ortográfico mais avançado, que vai sendo adquirido progressivamente, começando pelas regras mais simples e caminhando na direção das mais complexas. As práticas de leitura e de escrita devem, portanto, ser articuladas, de modo que se possa otimizar a Alfabetização, permitindo que as crianças intensifiquem a sua aprendizagem, praticando tanto a leitura quanto a escrita. Também é importante trabalhar as questões da produção escrita de textos, que inclui regras de paragrafação, estilo, coesão, coerência e conhecimento de diferentes gêneros textuais.



Você já promove esses componentes essenciais para a Alfabetização em sua prática diária em sala de aula? Esperamos ter contribuído para o seu melhor entendimento da relação entre eles e convidamos você para seguir conosco para o próximo tópico em que detalharemos como é o desenvolvimento esperado da leitura e da escrita. Vamos juntos?

# 3

## COMO É O DESENVOLVIMENTO ESPERADO DA LEITURA E DA ESCRITA?

Conforme aprendemos no tópico anterior, alfabetizar significa ensinar as habilidades de leitura e de escrita em um sistema alfabético. Dessa forma, quando uma criança entende que as letras do alfabeto não são meros sinais gráficos, mas que, individualmente ou em grupo, representam os sons da fala (os fonemas), dizemos que essa pessoa compreendeu o princípio alfabético, que é a chave para que o processo de Alfabetização se inicie. Esse princípio deve ser ensinado de forma explícita e sistemática, partindo das relações mais simples entre fonemas e grafemas, até se chegar às mais complexas.

Ao aprender as primeiras regras de correspondência entre grafemas e fonemas, a criança começa a decodificar, isto é, a extrair de uma sequência de letras escritas a sua forma fonológica (ou pronúncia). Do mesmo modo, ao fazer o processo inverso, associando os fonemas aos seus grafemas correspondentes, acontece a codificação, que é a capacidade de representar por meio de sinais gráficos (letras ou grafemas) os sons produzidos na fala. Assim, o processo de desenvolvimento da leitura e da escrita dá seus primeiros passos.

As teorias da aprendizagem de 30 anos atrás preconizavam que o desenvolvimento da leitura acontecia por meio de uma sucessão de etapas.

A teoria de Frith (1985), por exemplo, descreveu esse processo em três estágios. A etapa inicial, chamada de logográfica, é caracterizada como uma fase de pré-leitura. Nela, a criança ainda não associa fonemas a grafemas, mas reconhece as palavras como se elas fossem objetos ou fotografias. Quando a criança começa a entender as relações entre os sons da fala e suas representações gráficas, ela passa para etapa alfabética, que é a intermediária nesse processo de desenvolvimento da leitura e da escrita. Finalmente, na etapa ortográfica, a criança é capaz de acessar a grafia das palavras diretamente em sua memória ortográfica (MORAIS; LEITE; KOLINSKY, 2013; MOUSINHO et al, 2020).

Uma outra teoria sobre o desenvolvimento da linguagem escrita, que teve grande influência na forma de alfabetizar de vários países da América Latina, sobretudo no Brasil, é a chamada Psicogênese da Língua Escrita, de Emília Ferreiro, que conduziu a maior parte de seus estudos com falantes de espanhol (FERREIRO; TEBEROSKY, 1985). Essa teoria buscou fazer uma ponte entre a abordagem piagetiana, que estudou o desenvolvimento cognitivo, e a aprendizagem da linguagem escrita (teoria construtivista). Dessa forma, entende-se que as crianças constroem hipóteses sobre como a escrita funciona a partir das reflexões que realizam sobre a linguagem escrita presente no mundo. Sendo assim, o desenvolvimento da leitura e da escrita pode ser observado a partir das mudanças nas hipóteses que as crianças constroem, passando por quatro estágios, que apresentam características específicas: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. De acordo com essa concepção, as crianças permanecem durante certo tempo em uma hipótese mais rudimentar até que, por influência dos estímulos escritos presentes no meio, mudam em direção a uma hipótese mais evoluída, tentando se aproximar cada vez mais da escrita culturalmente aceita (SARGIANI; ALBUQUERQUE, 2016).

Atualmente, a partir das descobertas científicas mais recentes, a aprendizagem da leitura e da escrita não é mais entendida como uma conquista de etapas ou estágios, como se a criança estivesse subindo uma escada, e sim como uma sequência gradual de aprendizagens, como as ondas. Podemos pensar que cada estratégia ou forma de pensar é como uma onda que se aproxima da beira do mar. Levando essa comparação para a linguagem escrita, novas formas de ler palavras familiares e desconhecidas vão sendo possíveis, à medida em que as crianças ampliam seu conhecimento do sistema de escrita e adquirem estratégias mais eficazes de leitura de palavras (MORAIS; LEITE; KOLINSKY, 2013; SARGIANI; MALUF, 2018; CARDOSO-MARTINS; SARGIANI, 2020). Como será demonstrado a seguir, a teoria de Ehri (2013, 2014) é um exemplo dessa nova perspectiva.

Conforme introduzimos no tópico 5 da **Trilha 1**, a teoria de fases do desenvolvimento da leitura e da escrita proposta por Ehri (2013, 2014) apresenta a progressão na aprendizagem da leitura e da escrita em sistemas alfabéticos, como é o caso do Português. A autora distingue quatro maneiras de ler palavras; são elas: **por predição, por analogia, por decodificação e por reconhecimento automático**.

A **predição** é a forma de leitura mais simples. Nela, a criança tenta adivinhar o que está escrito por meio do contexto (por exemplo, cores, formas, imagens) ou pela presença de alguns elementos conhecidos, como as letras iniciais. Já a **analogia** é uma estratégia um pouco mais precisa de leitura. Por meio dela, o leitor reconhece palavras novas fazendo associações com partes de outras palavras familiares. Por exemplo, se a criança já sabe ler a palavra <bola>, ela poderá ser capaz, por analogia, de ler também as palavras <cola> e <mola>. Por sua vez, a **decodificação** é a maneira mais precisa de ler palavras e torna possível a automatização. É também a estratégia mais eficiente para ler palavras novas e permite a leitura autônoma de palavras desconhecidas, já que envolve o conhecimento das relações grafema-fonema. Por fim, o **reconhecimento automático** acontece depois que uma palavra é lida várias vezes, sendo armazenada na memória e identificada imediatamente, sem a necessidade de estratégias intermediárias como a predição, a analogia e a decodificação. É a estratégia mais eficiente para que o leitor chegue à compreensão efetiva do que foi lido (BRASIL, 2019).

Em seus estudos, Ehri (2005, 2013, 2014) identificou também quatro fases do desenvolvimento da leitura e da escrita, que refletem o conhecimento e o uso que a criança faz do sistema de escrita. Isso quer dizer que, o que a leva a passar de uma fase para a outra, é o conhecimento e o uso que faz do código alfabético, isto é, das relações entre letras e sons.

Essas fases são: **pré-alfabética, alfabética parcial, alfabética completa e alfabética consolidada.**

Fase	Características
<b>Pré-Alfabética</b>	Pode ser comparada ao estágio logográfico da teoria de Frith descrito acima. Como as crianças têm pouco conhecimento do sistema alfabético nessa fase, ainda não são capazes de usar as relações entre as letras e os sons para aprender a ler e escrever palavras e, por isso, se baseiam em pistas visuais.
<b>Parcialmente alfabética</b>	Quando aprendem os nomes e/ou os sons das letras e usam esse conhecimento para aprender a ler e escrever palavras, essa fase é iniciada. Entretanto, como seu conhecimento do sistema alfabético é incompleto nesse momento, as crianças não conseguem fazer todas as conexões necessárias entre letras e sons. Por isso, ainda não é possível fazer a leitura e a escrita de palavras desconhecidas.
<b>Alfabética completa</b>	Começa quando as crianças são capazes de fazer todas as conexões existentes entre os grafemas e os fonemas da língua.
<b>Alfabética consolidada</b>	Nessa fase, as crianças se utilizam de padrões ortográficos semelhantes vistos em outras palavras e armazenados na memória para realizar a leitura e a escrita de novas palavras. Isso permite uma leitura com mais velocidade, precisão e fluência, e uma escrita com maior correção ortográfica

(BRASIL, 2019; CARDOSO-MARTINS; SARGIANI, 2020; MOUSINHO et al, 2020).

### ▶▶ Saiba mais

Em 2019, a pesquisadora americana Linnea Ehri, uma grande referência na área da Ciência Cognitiva da Leitura, esteve no Brasil, participando da 1ª Conferência Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências (CONABE). Nessa ocasião, ela ministrou uma palestra sobre “Como as crianças adquirem habilidades de leitura e escrita com base em estudos científicos da leitura”. Essa palestra pode ser conferida na íntegra no link:

[1ª Conferência Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências \(CONABE\)](#)



A partir de estudos realizados com crianças brasileiras por Cardoso-Martins e colaboradores (CARDOSO-MARTINS, 2013; CARDOSO-MARTINS et al., 2006; CARDOSO-MARTINS; BATISTA, 2005), foi possível constatar que a teoria de fases de Ehri pode ser generalizada para o desenvolvimento inicial da leitura e da escrita em Português brasileiro.



Você consegue identificar em qual dessas fases seus alunos estão? Não se esqueça de que, para que eles avancem, promover atividades que estimulem as relações entre letras e sons é fundamental.

Diante de tudo o que já estudamos até aqui, você é capaz de dizer quando um estudante está efetivamente alfabetizado? Esse será o assunto do próximo tópico.

# 4

## COMO SABER QUANDO UM ALUNO ESTÁ ALFABETIZADO?

De acordo com o que estudamos no tópico anterior, o desenvolvimento esperado da leitura e da escrita se inicia com o entendimento, por parte do aluno, do princípio alfabético, que lhe permite passar a decodificar e codificar. O ensino explícito e sistemático dessas habilidades de leitura e de escrita é que constitui o processo de Alfabetização.

Entretanto, é importante que você entenda que a Alfabetização é um processo. Não se trata de um “clique” que o aluno tem de uma hora para outra ou de uma “chave” que é virada em sua cabeça! A aprendizagem da leitura e da escrita é uma construção, que vai sendo realizada a partir do esforço consciente, direcionado, organizado e conjunto entre professor e aluno, o qual se torna progressivamente inconsciente e automatizado.

Decodificar e codificar são os primeiros e os mais básicos passos dessa trajetória. Inicialmente, esses passos são vacilantes e o aluno vai se arriscando, ainda sem muita segurança, por meio de tentativas e erros, até conseguir reconhecer e grafar palavras de seu dia a dia. Com o tempo e a prática, esse processo vai se tornando mais ágil e ele entende que, usando as mesmas estratégias, é possível decodificar e codificar qualquer palavra da língua. Até mesmo palavras inventadas podem ser reconhecidas e grafadas.

Entretanto, não podemos esquecer que o grande objetivo do ensino da leitura e da escrita é levar o estudante a ser capaz de ler e escrever palavras e textos com autonomia e compreensão.

Portanto, além de decodificar e codificar, a Alfabetização envolve também passos mais avançados, que serão adquiridos progressivamente por meio de atividades que estimulem a leitura e a escrita de textos cada vez mais complexos (BRASIL, 2019).

Dessa forma, a leitura e a escrita vacilantes e imprecisas apresentadas inicialmente vão ganhando precisão e fluência, à medida em que esse processo vai se consolidando. Se no início a atenção e o modelo do professor são muito requeridos pelo aluno, ao longo dessa trajetória ele deve se tornar capaz de usar esses conhecimentos com independência e proficiência, a tal ponto que a linguagem escrita passe a ser uma ferramenta para aprender outras disciplinas, transmitir e até produzir novos conhecimentos.

É importante destacar também que saber ler e escrever bem são condições indispensáveis para se ter prazer em atividades de leitura e escrita e realizá-las cada vez mais. Além disso, um bom desenvolvimento da linguagem escrita possibilita ao indivíduo exercer um trabalho socialmente gratificante; usar recursos tecnológicos da vida moderna, como o computador, o smartphone e a internet; conhecer outras culturas, a História da humanidade e a Ciência; tornar-se um cidadão responsável e atuante; além de envolver-se e emocionar-se com os diferentes gêneros textuais disponíveis (MORAIS, 2013).

Por fim, queremos ressaltar uma vez mais a sua importância nesse processo. O professor precisa ter a clareza de seu papel em conduzir o aluno pelo caminho da aprendizagem da identificação e do registro das palavras escritas. Também é fundamental monitorar o desempenho dos alunos ao longo desse processo, avaliando sua motivação para continuar a aprender. Cabe ainda ao professor organizar essa progressão, proporcionando sempre novos desafios e descobertas.



Tudo certo até aqui? Vamos avançar agora para o próximo tópico em que abordaremos os principais modelos de Alfabetização existentes.

Seguimos juntos!

# 5

## QUAIS SÃO OS PRINCIPAIS MODELOS DE ALFABETIZAÇÃO EXISTENTES?

Até aqui estudamos as condições necessárias para que a Alfabetização seja bem-sucedida. Agora, para finalizar essa **Trilha**, abordaremos os modelos de Alfabetização existentes.

Primeiramente, cabe lembrar, como vimos no tópico 1, que um ensino de leitura e escrita eficiente deve basear-se em evidências científicas. Conhecer as diferentes concepções de Alfabetização existentes nos ajuda a entender o que cada uma tem de melhor e o que pode ser inserido em nossa prática para efetivar esse processo em alunos com diferentes perfis de aprendizagem. Afinal, uma única forma de alfabetizar, em geral, não contempla todos os alunos. Sendo assim, é importante diversificar e mesclar estratégias a fim de que todos avancem e ninguém fique para trás. **Vamos conhecer esses modelos?**

Tendo em vista o ponto de partida para se iniciar o processo de Alfabetização, podemos classificar os métodos existentes em dois grandes grupos: sintéticos e analíticos.

Os métodos sintéticos são aqueles que partem de unidades menores para desencadear a Alfabetização, dirigindo-se a unidades maiores, ou seja, vão da parte para o todo. Dependendo da unidade que será o alvo desse processo, o método receberá um nome diferente. Se a Alfabetização for iniciada por meio da apresentação das letras do alfabeto de maneira isolada, o método receberá o nome de alfabético; já se a unidade de início for um fonema, ele será chamado de método fônico. Essa unidade pode ainda ser uma sílaba ou uma família silábica. Nesse caso, temos o método silábico. Após a introdução dessas unidades mínimas, passa-se ao ensino de sua junção em unidades maiores, formando sílabas, palavras, frases e textos (SEABRA; DIAS, 2011; MOUSINHO et al, 2020).

Por outro lado, também é possível iniciar a Alfabetização partindo de unidades maiores, dotadas de significado. Aqui temos o método da palavração, que começa apresentando palavras isoladas como alvo para que o processo de Alfabetização seja desencadeado. Existe também o método da sentençação, quando o início do processo é marcado por frases completas. Por fim, temos ainda o método global, quando textos longos são usados para iniciar o processo de Alfabetização. Portanto, os métodos analíticos partem de unidades maiores (do todo para a parte), sem um foco primário sobre as unidades menores (SEABRA; DIAS, 2011; MOUSINHO et al, 2020).

Também podemos pensar em modelos de Alfabetização a partir do tipo de estimulação envolvida. Nesse caso, temos o método multissensorial e o método tradicional. A principal diferença entre eles está no modo como os órgãos sensoriais do aluno serão estimulados e usados no processo de Alfabetização.

Sendo assim, no método tradicional, os canais mais usados para a aprendizagem da linguagem escrita são a visão (quando o aluno visualiza o que está escrito) e a audição (quando o aluno escuta o que foi lido). Trata-se, portanto, de uma forma mais passiva de Alfabetização.

Já no método multissensorial, há uma utilização muito maior e mais explícita de outros canais sensoriais, como o tato (por exemplo, quando o aluno é motivado a sentir uma letra desenhada em uma lixa), o movimento (por exemplo, quando o aluno anda sobre uma letra desenhada no chão) e a percepção fonoarticulatória (por exemplo, quando o aluno é direcionado a prestar atenção nos movimentos e posições dos lábios e da língua realizados para pronunciar determinado fonema). Assim, o método multissensorial busca, de forma intencional, apresentar a linguagem escrita de forma mais dinâmica e ativa, tendo como entrada outros canais que o método tradicional desconsidera, como o tato e a cinestesia (movimento) (SEABRA; DIAS, 2011).

As pesquisas em Neurociência têm mostrado a efetividade do uso de estratégias multissensoriais não apenas para a Alfabetização, mas para o processo de ensino e aprendizagem de modo geral. Como a forma de aprender de um indivíduo é tão única quanto sua impressão digital, é imprescindível diversificar a apresentação dos conteúdos, para que os diferentes estilos de aprendizagem sejam atendidos.

Dessa forma, a abordagem de ensino tradicional, que usa os mesmos recursos e procedimentos para todos os alunos, tem se mostrado insuficiente para atender à diversidade da aprendizagem (RIBEIRO; AMATO, 2018).

Portanto, esperamos, com este tópico, que você tenha compreendido que, em uma mesma sala de aula, vamos encontrar alunos com diferentes formas de aprender. Por isso, é importante que o professor conheça diferentes formas de ensinar! Como nenhum modelo é infalível, é importante conhecê-los para que possamos extrair deles diferentes ideias, que poderão nos respaldar para diversificar o ensino, a fim de alcançarmos os resultados esperados.



Estamos chegando ao final de mais uma jornada de estudo. Como foi sua trajetória até aqui? Muitos conhecimentos novos foram apreendidos? Esperamos que sim e apresentaremos abaixo uma síntese desta Trilha, a fim de que você possa se recordar dos principais pontos estudados.

Vamos lá?

## Síntese

Iniciamos a **Trilha 2** discutindo o conceito de Alfabetização baseada em evidências. Esperamos que você tenha compreendido a importância de que nossas práticas de ensino em leitura e escrita estejam ancoradas em procedimentos e recursos já testados e com eficácia comprovada.

Aprendemos também sobre os componentes essenciais para a Alfabetização, que são: a consciência fonêmica, a instrução fônica sistemática, a fluência em leitura oral, o desenvolvimento de vocabulário, a compreensão de textos e a produção de escrita. Desenvolver cada um deles, de forma integrada e simultânea, é fundamental para que o processo de Alfabetização se consolide e seja bem-sucedido.

Em seguida, estudamos sobre o desenvolvimento esperado da leitura e da escrita, e como saber quando um aluno está plenamente alfabetizado. Vimos que, no início do desenvolvimento da leitura e da escrita, o reconhecimento e a tentativa de grafia das palavras ocorre de forma lenta e pouco precisa. Gradativamente e a partir da prática, esse processo passa a ser mais rápido e sem esforço, possibilitando ao aluno a construção do significado do que foi lido.

Além disso, foi importante rever os principais modelos de Alfabetização existentes, para entender melhor as características de cada abordagem e ter mais condições de aprimorar o processo de ensino em sala de aula, como veremos na **Trilha 3**.

**Parabéns por ter chegado até aqui e vamos seguir juntos para a próxima Trilha. Até lá!**

## Glossário

**Codificar:** capacidade de representar por meio de sinais gráficos (letras ou grafemas) os sons produzidos na fala.

**Conhecimentos morfossintáticos:** refere-se ao conhecimento necessário para entender a estrutura interna e a formação de palavras e frases de forma gramaticalmente aceitável.

**Consciência fonêmica:** capacidade de perceber os sons da fala isoladamente e manipulá-los de forma intencional.

**Consciência fonológica:** habilidade de reconhecer e manipular de forma intencional as unidades de fala (silabas, rimas e fonemas).

**Decodificar:** capacidade de extrair de uma sequência de letras escritas a sua forma fonológica (ou pronúncia).

**Evidências:** refere-se aos achados obtidos em pesquisas científicas desenvolvidas sobre o tema.

**Instrução fônica sistemática:** é a forma organizada de ensinar a ler e a escrever que se utiliza do co-

nhecimento simplificado de Fonologia e Fonética.

**Método alfabético:** método de Alfabetização sintético iniciado pelo ensino das letras do alfabeto isoladamente.

**Sequência alfabética:** organização de letras que respeita a ordem que aparece no alfabeto.

**Sistema de escrita alfabético:** organização de princípios para aprender a ler e escrever, ou seja, entender que existe uma relação entre fonemas (sons da língua) e os grafemas (letras).

## Referências

- ADAMS, M. J. et al. **Consciência fonológica em crianças pequenas**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- ALVES, L. M.; CELESTE, L. C. Escala de percepção de fluência leitora. **Revista Formação@Docente**, v. 11, n. 2., 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. MEC. Secretaria de Alfabetização. **PNA: Política Nacional de Alfabetização**. Brasília: MEC, SEALF, 2019.
- CARDOSO-MARTINS, C. Existe um estágio silábico no desenvolvimento da escrita em Português?: evidência de três estudos longitudinais. In: MALUF, M. R.; CARDOSO-MARTINS, C. (org.). **Alfabetização no Século XXI: Como se Aprende a Ler e a Escrever**. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 82-108.
- CARDOSO-MARTINS, C.; BATISTA, A. C. E. O conhecimento do nome das letras e o desenvolvimento da escrita: evidência de crianças falantes do português. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, [S. l.], v. 18, n. 3, p. 330-336, 2005.
- CARDOSO-MARTINS, C. et al. Is there a syllabic stage in spelling stage? Evidence from Portuguese-speaking children. **Journal of Educational Psychology**, v. 98, n. 3, p. 628-641, 2006.
- CARDOSO-MARTINS, C.; SARGIANI, R. de A. Como as crianças aprendem a ler e a escrever em Português brasileiro. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Alfabetização. **Relatório Nacional de Alfabetização Baseada em Evidências**. Brasília, DF : MEC/Sealf, 2020. p. 96-123.
- CHRISTOPHE, M. et al. **Educação baseada em evidências: como saber o que funciona em educação**. Brasília: Instituto Alfa e Beto, 2015.
- EHRI, L. C. Learning to read words: Theory, findings, and issues. **Scientific Studies of Reading**, v. 9, n. 2, p. 167-188, 2005.
- EHRI, L. C. Aquisição da habilidade de leitura de palavras e sua influência na pronúncia e na aprendizagem do vocabulário. In: MALUF, M. R.; CARDOSO-MARTINS, C. (org.) **Alfabetização no século XXI: como se aprende a ler e a escrever**, Porto Alegre: Penso, 2013. p. 49-81.
- EHRI, L. C. Orthographic mapping in the acquisition of sight word reading, spelling memory, and vocabulary learning. **Scientific Studies of Reading**, v. 18, n. 1, p. 5-21, 2014.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.
- FRITH, U. Beneath the surface of developmental dyslexia. In: PATTERSON, K. E.; MARSHALL, J. C.; COLTHEART, M. **Surface dyslexia: neuropsychological and cognitive analyses of phonological reading**. London: Lawrence Erlbaum, 1985.
- MORAIS, J. **Criar leitores: para professores e educadores**. Barueri: Manole, 2013.
- MORAIS, J.; LEITE, I.; KOLINSKY, R. Entre a pré-leitura e a leitura hábil: condições e patamares da aprendizagem. In:

MALUF, M. R.; CARDOSO-MARTINS, C. (org.) **Alfabetização no século XXI**: como se aprende a ler e a escrever. Porto Alegre: Penso, 2013. p. 17-48.

MOUSINHO, R. et al. **Leitura, escrita e matemática**: do desenvolvimento aos transtornos específicos de aprendizagem. São Paulo: Instituto ABCD, 2020.

ORSATI, F. T. et al. **Práticas para a sala de aula baseadas em evidências**. São Paulo: Memnon, 2015.

PINTO, J. C. B. R.; NAVAS, A. L. G. P. Efeitos da estimulação da fluência de leitura com ênfase na prosódia. **J. Soc. Bras. Fonoaudiol.**, v. 23, n. 1, 2011.

RIBEIRO, G. R. de P. S.; AMATO, C. A. de la H. Análise da utilização do desenho universal para aprendizagem. **Cad. Pós-Grad. Distúrb. Desenvol.**, v. 18, n. 2, p. 125-151, 2018.

SANTOS, M. T. M.; NAVAS, A. L. G. P. **Transtornos de linguagem escrita**: teoria e prática. São Paulo: Manole, 2016.

SARGIANI, R. de A.; ALBUQUERQUE, A. Análise das estratégias de escrita de crianças pré-escolares em Português do Brasil. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 20, n. 3, 2016.

SARGIANI, R. de A.; MALUF, M. R. Linguagem, Cognição e Educação Infantil: Contribuições da Psicologia Cognitiva e das Neurociências. **Psicologia Escolar e Educacional** [online]. v. 22, n. 3, p.477-484, 2018.

SCARBOROUGH, H. S. Connecting early language and literacy to later reading disabilities: evidence, theory, and practice. In: NEUMAN, S. B.; DICKINSON, D. K. (Ed.). **Handbook of early literacy research**. New York: Guilford Press, 2001. p. 97-110.

SEABRA, A. G.; DIAS, N. M. Métodos de Alfabetização: delimitação de procedimentos e considerações para uma prática eficaz. **Rev. Psicopedagogia**, v. 28, n. 87, p. 306-320, 2011.

UNITED STATES OF AMERICA. **No children left behind act**. U.S. Department of Education. Washington DC, 2002.



**Vamos todos  
aprender a ler**